

Considerações sobre a hipótese filogenética freudiana: caso Homem dos Lobos

Considerations on the Freudian phylogenetic hypothesis: the Wolf Man case

*Consideraciones sobre la hipótesis filogenética freudiana:
el caso del Hombre de los Lobos*

Scheherazade Paes de Abreu

Quanto à posição do médico, posso apenas afirmar que, nesse caso, ele precisa comportar-se de modo tão “atemporal” quanto o próprio inconsciente, caso queira apreender e alcançar algo.
FREUD (1918/2021, P. 635)

Resumo

Como, no processo de uma análise, é preciso não estar de modo absoluto no tempo atual? O que Freud advertiu, exatamente, sobre um modo de funcionar da clínica em certa insubmissão ao tempo? Trata-se de um passado não vivido que cada um carrega em si, seja nos sonhos, no Isso, no sintoma, na neurose, na fobia e na dor. Este é um gesto freudiano político, atemporal e insurgente. Exatamente o que faz com que um precipitado não esteja ligado a um lugar particular no tempo e o torna desigual e radicalmente estrangeiro. Retomar esse conceito pode ser de extrema importância para pensar a clínica. Não basta o passado vivido para colocar palavras ao sofrimento. Pois, precipitados não vivenciados prevalecem sobre as vivências acidentais, e, neste sentido, a hipótese filogenética foi interpretada por Lacan como uma hipótese estrutural. A hipótese filogenética foi como encontrar no caminho aquilo que não se procurava ao investigar uma teoria do tempo e da atemporalidade, em Freud se fez presente a filogenética, essas sobrevivências não vivenciadas capazes de prevalecer sobre um fato acidental.

Palavras-chave: filogenética, estrutura, atemporalidade, inconsciente, *Wolf Man*

Abstract

How, in the process of analysis, is it necessary not to be absolutely in the present time? What exactly did Freud warn about a way of functioning in the clinic that is somewhat insubordinate to time? It is about an unlived past that each person carries within themselves, whether in dreams, the Id, the symptom, neurosis, phobia, or pain. This is a political, timeless, and insurgent Freudian gesture. It is precisely what makes a precipitate unlinked to a particular place in time, rendering it unequal and radically foreign. Revisiting this concept can be extremely important for thinking about the clinic. A lived past is not enough to put words to suffering. For, unlived precipitates prevail over accidental experiences; in this sense, the phylogenetic hypothesis was interpreted by Lacan as a structural hypothesis. The phylogenetic hypothesis was like finding along the way what one wasn't looking for when investigating a theory of time,

and from timelessness in Freud, phylogenetics became present, these un-lived survivals capable of prevailing over an accidental fact.

Keywords: phylogenetics, structure, timelessness, unconscious, archaic inheritance

Resumen

¿Cómo es necesario, en el proceso de análisis, no estar absolutamente en el presente? ¿Qué advirtió Freud exactamente sobre una forma de funcionar en la clínica que resulta, en cierto modo, insubordinada al tiempo? Se refiere a un pasado no vivido que cada persona lleva consigo, ya sea en sueños, el Ello, el síntoma, la neurosis, la fobia o el dolor. Este es un gesto freudiano político, atemporal e insurgente. Es precisamente lo que convierte un precipitado en algo desvinculado de un momento específico, lo que lo vuelve desigual y radicalmente ajeno. Revisitar este concepto puede ser crucial para reflexionar sobre la clínica. Un pasado vivido no basta para expresar el sufrimiento. Pues los precipitados no vividos prevalecen sobre las experiencias accidentales; en este sentido, Lacan interpretó la hipótesis filogenética como una hipótesis estructural. La hipótesis filogenética fue como encontrar, por casualidad, lo que no se buscaba al investigar una teoría del tiempo, y a partir de la atemporalidad freudiana, la filogenética se hizo presente: estas supervivencias no vividas capaces de prevalecer sobre un hecho accidental.

Palabras clave: filogenética, estructura, atemporalidad, inconsciente, *Hombre de los Lobos*

Muitos leitores de psicanálise não conhecem essa passagem nas primeiras páginas de *Da história de uma neurose infantil*¹ [Caso Homem dos Lobos] na qual, para o analista, será colocada a questão da atemporalidade e da filogenética. Este último longo caso escrito fora da ordem cronológica ao atendimento clínico foi, para Freud (1918/2021, p. 632), um fragmento, em vista da inexequibilidade de escrevê-lo por completo. Freud tensionou na escrita os modos de exposição entre o não ser possível escrever o caso de modo puramente histórico ou puramente pragmático, nem uma história do tratamento, tampouco uma história clínica. Foi necessário forjar um método próprio, capaz de se mover entre o rigor conceitual do

cientista e o rigor formal do poeta. Nota-se a presença da preposição “Da” proveniente do título original em alemão *Aus*, que denota não se tratar da história infantil na criança, mas, sim, da construção de uma neurose infantil em um paciente adulto. Por que não se vive totalmente no tempo presente, e, se o inconsciente é atemporal, em que tempo se vive? Freud nos advertiu que ao fazer uma retrospectiva em outro tempo da vida, deve-se levar em conta distorções e ajustes em que o passado foi submetido. Como, no processo de uma análise, é preciso não estar de modo absoluto no tempo atual? O que Freud advertiu, exatamente, sobre um modo de funcionar da clínica em certa insubmissão ao tempo? “Só era possível obter esclarecimentos para aqueles problemas anteriores se o transcurso da análise se afastasse do presente” (Freud, 1918/2021, p. 643). Sabemos que a atemporalidade [*Zeitlosigkeit*] do inconsciente é o aspecto mais perturbador da fixação psíquica.

¹ Em nota do editor (p. 767), observou-se que ao conduzir o tratamento de Pankejeff [Homem dos Lobos], Freud esbarrou em ponto delicado ligado à própria desorganização que a psicanálise introduziu nas classificações pré-existentes, sem estabelecer ainda seu próprio sistema nosográfico.

Freud (1918/2021, p. 763) demonstrou a capacidade do inconsciente de manter os mais variados, oscilantes e contraditórios investimentos libidinais funcionando uns “ao lado” dos outros. Não há dúvidas que traços do inconsciente continuam a existir mesmo em processos tornados conscientes. Na vida anímica, acontecimentos de experiências vivenciadas podem sobreviver junto aos produtos finais, de modo que pode perdurar tanto um material mais antigo quanto um material mais atual. Trata-se, portanto, no trauma de um material que sobreviveu sem ser consumido por ocorrências subsequentes. São assim sobrevivências que não coincidem exatamente conosco, lembramos que em Quignard citado por Abreu (2021, p. 191) “A língua não coincide conosco: elementos de indeterminação”. Na conclusão do *Caso Homem dos Lobos*, Freud (1918/2021, p. 763) referenciou “agora concluí aquilo que eu queria comunicar sobre este caso clínico” (p. 763), e apenas dois dos inúmeros problemas foram destacados. O primeiro, se trata de esquemas herdados filogeneticamente que podem determinar a acomodação de impressões de vida e são, de fato, “precipitados da história da cultura humana” (p. 763). Quanto ao segundo problema mais relevante, Freud o aproxima do primeiro e utiliza como metáfora científica o vasto saber instintivo [*instinktiven*] dos animais. No último parágrafo desta história clínica, Freud (1918/2021, p. 765) conferiu um lugar na teoria psicanalítica para a filogenética. A ideia de filogenética em Freud é um desafio. Estudaremos este objeto infamiliar que é a filogenética tal como fez Freud na história clínica do Homem dos Lobos. Trata-se de um passado não vivido que cada um carrega em si, seja nos sonhos, no Isso, no sintoma, na neurose, na fobia e na dor. Este é um gesto freudiano político, atemporal e insurgente. Exatamente o que faz com que um precipitado não esteja ligado a um lugar particular no tempo e o torna desigual. Retomar esse conceito pode ser de extrema importância para pensar a clínica, pois nela podem incidir

precipitados de um passado não-vivido. Não basta o passado vivido para colocar palavras ao sofrimento. Sabemos que é preciso tornar manifestas e atuais moções esquecidas, afinal, “ninguém pode ser abatido *in absentia*² ou *in effigie*”.

Precipitados da pré-história podem acontecer aqui e agora, não estão ligados a um lugar particular do tempo, e não se sobrepõem ao mais antigo, por isso são precipitados, talvez se possa pensar no “intemporal ruído dos grilos” citado por Borges (1936/2010, p. 33). Como podem manifestar-se? Como podemos ter acesso aos seus efeitos? Para Freud (1912 [1911]/2022, p. 626), tratava-se de acrescentar a perspectiva filogenética ao ampliar a proposta proferida pela psicanálise, porque no sonho, no sintoma e na neurose reencontramos a *criança*, as peculiaridades da forma de pensar, os afetos, mas não somente, é importante destacar que se reencontram insurgências de partes primitivas do sujeito, tal como se releva à luz da “Ciência da Antiguidade” - note-se que esse termo do qual Freud se serviu engloba as culturas dos povos da antiguidade. Recorre-se a uma vivência filogenética quando a própria vivência não basta para preencher lacunas com verdade pré-histórica, encaixar a experiência de ancestrais no lugar da própria experiência. Freud orientou por diversas vezes em suas teses que não estamos livres dos efeitos de precipitados de um passado não-vivido de tempos pré-históricos. Entretanto, pergunta-se como se pode verificar sobrevivências de precipitados filogenéticos na análise de fragmentos de casos clínicos. Tal como perguntamos sobre a origem de um sonho, pergunta-se sobre a origem de um precipitado.

2 Em ausência, acusado se recusa a comparecer (FREUD, 1912/2017, p. 118).

3 “É possível que algum pássaro cantasse e que eu sentisse por ele um amor miúdo, tamanho de pássaro; mas o mais provável é que naquele silêncio já vertiginoso não houvesse outro ruído além do também intemporal ruído dos grilos. O fácil pensamento *Estou em mil oitocentos e tanto* deixou de ser umas tantas palavras aproximativas e se aprofundou em realidade.” (Borges, 1936/2010, p. 33)

Por que para a psicanálise se deve considerar o sonho para um tipo especial de vivência [filogenética], que não irrompe na lembrança? Sobretudo, observa-se que o sonho faz uso do tempo presente, porém, provém do tempo passado, e no futuro é feito à semelhança do passado. De fato, uma impressão recente que se juntou a uma série de impressões mais antigas. Lembremos da pesquisa “Sonhos confinados⁴” que investiga o que no sonho, em tempos de pandemia, pode evocar das questões de nosso tempo, em aspecto traumático que exige do trabalho psíquico. Como o sonho pode, assim, anunciar inquietações políticas? Interessa a este artigo que o sonho seja capaz de retroagir sobre as formações psíquicas mais antigas em que continua a atuar a parte arcaica – de outros tempos – da humanidade. Até que ponto a dimensão atemporal e filogenética é exatamente o que faz com que desacontecimentos não coincidam no tempo, sejam assim desiguais a si mesmo? Sabemos que Freud demonstrou que a experiência de uma análise pode precipitar restos de heranças arcaicas [filogenética], e nesse aspecto não lineares e cronológicas. Nesse sentido, pode-se observar no sonho vestígios de um tempo passado não vivido, antes de qualquer experiência própria. Se sonhar é regredir à condição mais antiga do sonhador, que condição é essa? Não foi por acaso que, para Freud (1900/2006, p. 600), sonhar é mesmo o reavivamento da infância, dos impulsos pulsionais e dos modos de expressão que predominavam naquele tempo passado. Além disso, na infância de cada sujeito se encontra a herança “filogenética”, a evolução do gênero humano

4 Ver, a esse respeito, Sonhos confinados: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia

5 A propósito, Sabina Spielrein (1912/2021 p. 22) afirma que o tempo presente tem relação no inconsciente com vivências anteriores de várias gerações. Por isso, no aparelho psíquico, um evento é carregado de afetos na medida em movimentava vivências experimentadas anteriormente, ou seja, abre-se um espaço para verificar a ideia de que no psíquico as coisas não se passam somente no tempo presente e a construir a atemporalidade do Isso.

– do qual se é uma repetição abreviada com efeitos de circunstâncias casuais da vida. Podemos perceber aqui a incidência fundamental da questão atemporal dos precipitados que perduram. As palavras de Nietzsche foram certeiras ao dizer que no sonho continua a atuar a parte antiga, mais arcaica – de outros tempos – da humanidade, à qual dificilmente temos acesso por via direta, afirmou Freud. Na análise, o sonho pode levar à construção da herança arcaica, e também ao que é psiquicamente inato. Esses elementos reunidos permitiram a Freud dizer que o sonho, e também a neurose, conservam mais antiguidades psíquicas do que se era possível imaginar. Freud (1900/2006, p. 675) não se mostrou de modo algum ambivalente ao afirmar o valor do sonho para o conhecimento do passado, e que não há dúvidas de que o sonho é atemporal [*zeitlos*], exatamente por sua condição inconsciente. É assim também a *via de acesso* ao inconsciente. Se o sonho já é uma interpretação do inconsciente, até que ponto o material filogenético atemporal no sonho poderia se tornar temporal?

E o valor do sonho para o conhecimento do futuro? Isso está fora de questão, naturalmente. Deveríamos falar, em vez disso, do seu valor para o conhecimento do passado. Pois do passado é que provém o sonho em todo sentido. É verdade que a antiga crença de que o sonho nos mostra o futuro não é inteiramente desprovida de verdade. Ao representar um desejo como realizado, o sonho está nos levando para o futuro, de fato; mas esse futuro que o sonhador toma como presente é modelado, pelo desejo indestrutível, à imagem e semelhança do passado (Freud, 1900/2006, p. 675)

Do ponto de vista de Freud (1940/2019, p. 161), não podemos esquecer o impacto de ocorrências filogenéticas, as quais, de algum modo, estão representadas no Isso sob formas que ainda não somos capazes de apreender. Qual a relevância de colocar ao texto freudiano essa pergunta novamente? Levantar a

questão sobre o que é a filogenética significa ao mesmo tempo perguntar o que não é. É preciso ainda considerar no sonho o ponto insondável nos limites da interpretabilidade, tal como um novelo embaraçado que é o “umbigo” (Freud, (1900/2006, p. 575). Este ponto do sonho, que se assenta no “não reconhecido” [*Unerkannte*], indica que o inconsciente real sempre esteve sinalizado em Freud. Somos confrontados, portanto, a interrogar sobre os efeitos da experiência não vivenciada e o “umbigo” dos sonhos.

Freud (1940/2019, p. 73) demonstrou que regras decisivas da lógica não tem validade no inconsciente, anseios com metas contraditórias coexistem “lado a lado” sem nenhuma necessidade de acordo. Isso quer dizer que ou não exercem efeito algum de um sobre o outro ou, se o fazem, não chegam a uma decisão, mas sim a um compromisso, o que se configura como absurdo pois contém detalhes mutuamente incompatíveis. Note-se que os contrários não se separam e podem ser tratados como idênticos; isso esclarece que no sonho manifesto cada elemento pode também significar o seu contrário. Nesse sentido, o sonho não conhece nem a oposição, nem a contradição. Para interpretar, o que o sonho faz é prescindir da negação [*Verneinung*], e assim pode-se expressar elementos opostos por meio dos mesmos recursos figurativos. Freud (1910/2021, p. 60-68), em *Sobre o sentido antitético das palavras primitivas*, apresentou o artigo de Karl Abel sobre o problema das palavras primitivas que portam significados contrários. O que são as palavras primitivas? Tal como crianças brincam com a inversão fonética das palavras, o trabalho do sonho se serve a diversos fins da inversão do material figurativo, assim palavras primitivas não são apenas aquelas que o pesquisador descobriu na raiz das línguas, mas também o uso assemântico que crianças fazem quando brincam com palavras. Mas como a palavra primitiva poderia portar vestígios de precipitados não vivenciados e radicalmente estrangeiros? Não podemos

esquecer que os mecanismos inconscientes que se apresentam no estudo do trabalho do sonho são os mesmos mecanismos de formações do sintoma. Para Freud (1926/2014, p. 75), a filogenética é um dos fatores envolvidos na causa das neuroses, pois precipitados de processos similares ao recalque ocorridos na pré-história, podem permanecer na linguagem. Por isso, a pergunta que se coloca, desde já, é como se apresentam precipitados extemporâneos na vida cotidiana dos sujeitos? Lacan ([1969/1970]/1992] p. 84) no livro 17, *O avesso da psicanálise*, já observara a propósito do enigma do recalque originário [*Urverdrängt*], que se trata exatamente do que não teve que ser recalcado, porque já está desde a origem. E esse é um fato politicamente definível em estrutura, clivado à medida que dele ninguém nada compreende. Na resposta à questão de Marcel Ritter, Lacan (1975, p. 1) propõe que o umbigo do sonho [*Unerkannt*], o não reconhecido, seja um furo, é o que Freud designou expressamente como [*Urverdrängt*], ou seja, o recalcado primordial. Trata-se, portanto, de uma pergunta sobre origem e o destino do recalcado primordial, que no limite tem efeitos de real. O trabalho do sonho reconduz a uma pré-história dupla: por um lado, a pré-história da infância, e, por outro, a pré-história filogenética, pois cada uma repete de forma abreviada os precipitados da espécie humana, afirmou Freud (1916/2014, p. 217) em *Conferências introdutórias à Psicanálise*. Nesse experimento, observou-se como podem advir processos psíquicos latentes. É nesse sentido que Freud concluiu que “a referência simbólica, não aprendida pelo indivíduo, tem o direito de ser considerada herança filogenética” (p. 217). Qual a função e o lugar do real ao levar em conta o acontecimento filogenético, notadamente intraduzível? Como a filogenética causa um sujeito, causa uma estrutura? Para Miller (2018, p. 51) é surpreendente a frase freudiana de que a herança [precipitados não vivenciados] prevalece sobre as vivências acidentais, ou seja, a hipótese filogenética

freudiana e, Lacan interpretou o esquema filogenético como um fato de estrutura. Nota-se que a hipótese estrutural lacaniana é muito mais minimalista que uma hipótese histórica. Em Dunker (2013, p. 143), existem diversas noções de estrutura na obra de Lacan, mas a estrutura é uma atemporalidade determinante que não é um fato de história, em que predomina certa necessidade lógica.

Se, como dissemos, a leitura de Freud é um desafio, não menos desafiador são os problemas recolhidos a partir do próprio texto freudiano. Como um traço filogenético pode prevalecer sobre uma vivência acidental, assim irredutível à contingência da história subjetiva? O acontecimento filogenético é um provocador: neste momento da investigação vale a pena insistir na premissa de Freud (1916/2014, p. 382) em *Conferências introdutórias à Psicanálise*, especificamente a 22, que destacou: “Eu diria que naquele tempo elas atuaram criativamente, mas agora agem provocadoramente”. Aqui, impõe-se levantar a questão sobre o que é esse efeito provocador. Dizer que há sobrevivências é também dizer que destruições não são em absoluto, porque sobrevivências são fantasmas e resíduos, e deles temos apenas pedaços. Elementos herdados são nas teses freudianas o que foi adquirido pelos antepassados [o passado não-vivido]. Em *A Análise finita e a infinita*, ao analisar o problema da “herança arcaica”, Freud (1937/2017, p. 326) chamou a atenção para que não se esqueça que no início da vida o Isso e o Eu são assim uma coisa só. Não há aqui nenhuma supervalorização da hereditariedade, escreveu Freud. Tampouco o menor recurso à nostalgia por tradições ou por qualquer coisa perdida anteriormente. É importante não esquecer que a atemporalidade e a filogenética são um aspecto do Isso. Na herança arcaica estão precipitados⁶ [*Niederschlag*] dos primórdios

da humanidade. Crocodilos e dragões dos tempos primevos, cuja existência se poderia desacreditar, ainda vivem entre nós. Note-se que na libido se podem verificar traços de origem filogenética. Acontece que um recomeço só é legível à luz de certa permanência, que rupturas podem não ocorrer de forma absoluta, pois podem sobreviver restos inalterados e refratários de uma situação anterior. Acepções humanas supostamente superadas podem deixar restos e continuar a existir.

Em *O homem Moisés e a religião mono-teísta*, Freud (1939/2018, p. 135-137) mostrou que um fato de tradição pode continuar a atuar mesmo que esquecido, pois uma tradição esquecida tem efeitos e pode retornar a qualquer momento. Precipitados de pré-história da humanidade fazem parte do sintoma, do trauma, do sonho e da fobia. Na vida psíquica podem estar ativos não apenas conteúdos vivenciados por cada um de nós, mas também materiais inatos – elementos de origem filogenética, atemporal [*zeitlos*], a *herança arcaica*. Isto é, a prevalência do passado não-vivido. Lembremos o “plasma germinal” dotado de células derivadas das anteriores: que se replica, que se perpetua ao longo de gerações, e constitui o elemento imortal da substância viva. Nas reações ao trauma da primeira infância, é surpreendente que elementos não estejam restritos ao que o sujeito vivenciou, mas que se apresenta mais como um “acontecimento filogenético”. Nota-se como fator “constitucional”, assim retificamos a hipótese estrutural. Determinadas ocorrências na infância, que parecem injustificadas, tornam-se compreensíveis filogeneticamente pela ligação com vivências das gerações antigas. O que Freud demonstrou durante esta investigação é que a herança arcaica compreende não somente predisposições, mas também conteúdos das gerações precedentes. Com efeito, a abrangência e o significado da herança arcaica aumentam de forma significativa para a psicanálise. Um precipitado que sobreviveu à passagem do tempo traz consigo uma cisão comprovada

6 No dicionário, é utilizado para chuva, tem relação com o que se precipitou, lançado de cima para baixo, caído, aquilo que tomba.

pelo próprio fato de ter sobrevivido. Por isso, navegamos por leituras intraduzíveis em tempos diferentes. Observa-se que as sobrevivências de um passado não vivido não se constituem como transmissão por meio de comunicação. Em que circunstâncias podem despertar? Para Freud, trata-se do despertar mediante uma repetição real recente do acontecimento.

Por que uma não vivência do passado pode-se inscrever em uma vivência do tempo de agora? No prefácio aos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905/2016, p.15) descreveu que elementos se apresentam em determinada sucessão, como fatores acidentais colocados na frente, fatores disposicionais em segundo plano, e fatores ontogênicos antes do filogenético. O elemento disposicional aparece atrás do acidental, como algo que é despertado pelas vivências. Mas verifica-se semelhanças entre ontogênese e filogênese, isto é, a ontogênese pode repetir a filogênese, pois a disposição filogenética se pode notar por trás do evento ontogenético. É nesse sentido que fatores disposicionais são também precipitados de vivências mais antigas que se acrescentaram às novas vivências do sujeito. O texto freudiano demonstrou que a filogenética é um fator ligado ao tempo. Além disso, a experiência não vivida prevalece sobre a vivência particular acidental (Freud, 1940/2019, p. 129). Um exemplo é a observação sobre a relação amorosa dos pais: “peça que raramente falta no repertório das fantasias inconscientes que se pode descobrir através das análises de todos os neuróticos” (Freud, 1915/2021, p. 91). Em Notas do ensaio de Freud (1925/2018, p. 275), *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*, verifica-se o termo alemão *Urphantasi* [fantasias primordiais] empregado pela primeira vez em 1915 para a observação das relações sexuais dos pais, a sedução, a castração e outras formações, por exemplo, na história clínica Homem dos Lobos. Note-se que essas são fantasias que não se reduzem à contingência

da história subjetiva, mas com um acento no que é transmitido de forma filogenética. O ruído acidental desempenha o papel de provocar uma fantasia - é, portanto, questionável se devemos caracterizá-lo como acidental [*zufällig*], afirmou Freud (1915/2021, p. 91). De fato, notemos o prefixo *Ur*⁷ se refere a um acontecimento anterior, primevo ou de origem. Uma pista valiosa para a compreensão dessas passagens se verifica em *Da história de uma neurose infantil*, na qual Freud (1918/2021, p. 665) demonstrou que o caos de vestígios mnêmicos inconscientes pode ser reativado. Assim, Pankejeff⁸ estava dormindo no quarto dos pais quando despertou. Foi testemunha de um *coitus a tergo* repetido três vezes, em que pôde ver o genital de sua mãe e o membro do pai. Como essa experiência de Pankejeff está ligada a uma vivência filogenética?

Ferretti (2014, p. 108) argumentou, na tese *Ontogênese e filogênese em Freud: uma visão de conjunto*, que o fundamento filogenético se amplia nos textos freudianos das *Conferências introdutórias à Psicanálise*, *Da história de uma neurose infantil*, e nos ensaios metapsicológicos de 1920. Freud demonstrou diferentes facetas, que passam a ocupar uma posição central não somente nas reflexões sobre a cultura e nas teorizações clínicas a partir desse período. Contrariamente ao que talvez se possa inferir do estudo de Laplanche e Pontalis, e dos comentários derivados, o filogenético na teoria freudiana não se liga apenas à noção de fantasia originária [*Urphantasie*] ou a *Kultur*. De fato, o acontecimento filogenético se apresentou a uma diversidade de estatutos. Em *Neuroses de transferência: uma síntese*, (Freud, 1931/1987, p.72-73), a filogenética é preponderante sobre todos os fatores, por exemplo, a criança que traz consigo o tremor primitivo

⁷ Prefixo *Ur*: observa-se que o tempo pré-histórico é *Urzeit*, o humano pré-histórico, o *Urmensch*.

⁸ Sergei Constantinovitch Pankejeff [Homem dos Lobos]: em *Da história de uma neurose infantil*.

da era glacial. A libido repete uma parte de elementos filogenéticos, assim bem mais antiga do que o Eu. Nota-se que ao levar em consideração o elemento constitucional de fixação, não se afasta o adquirido, retroage para um passado ainda mais remoto, pois disposições herdadas são restos de aquisições dos antepassados. Nesse sentido, a neurose é também uma aquisição cultural para Freud, que advertiu: ainda não alcançou um ponto final sobre a compreensão desses fatores filogenéticos. Uma parte das aquisições culturais, por certo, deixou um precipitado no Isso. O Isso e o supereu representam as intervenções do passado, ou seja, o Isso representa as intervenções hereditárias; e o supereu as recebidas dos outros. O Eu é determinado pelo diretamente vivenciado, que é o momento atual e as ocorrências acidentais. Para o Supereu, trata-se dos tempos de convivência na infância, mas também tudo o que teve efeitos determinantes, isto é, o mundo exterior no qual se encontra exposto e passado. Como um fato de cultura pode ser um trauma de linguagem? É precisamente nessa direção de atemporalidade que Freud extrai o homem primevo de um tempo linear pré-histórico e, a contrapelo, vai restituí-lo a uma dimensão de insurgência⁹ neste tempo de agora. Note-se, ser capaz de insurgência pode ser o que nunca está em posição de origem. Como experimento, lembremos essa referência feita por Freud (1940/2019, p. 21, 177), a passagem de Goethe em *Fausto*: “O que herdastes de teus ancestrais¹⁰ conquista-o para fazê-lo teu”. Do ponto de vista de Lacan ([1954/1955]/1985, p. 275) “o jogo já está jogado, os dados já foram lançados”.

9 A tarefa do pensamento é, portanto, arrancar os fenômenos de sua situação cronológica para restituí-los a essa dimensão de insurgência. Exatamente o que nunca está em posição de origem. Agamben (2021, p. 98), em *A pré-história aqui e agora*.

10 Verificou-se na N.E. que Goethe utilizou *Väter* substantivo masculino pai no plural no sentido de ancestrais, e não a palavra *Eltern* [pais] no sentido de par parental. Por isso, “ancestrais”.

Breve conclusão

A hipótese filogenética foi como encontrar no caminho aquilo que não se procurava. Ao investigar uma teoria do tempo e da atemporalidade em Freud se fez presente a filogenética, essas sobrevivências não vivenciadas capazes de prevalecer sobre um fato acidental. A estrutura é a atemporalidade sobredeterminante fora do tempo; e, como tal, não poderia possuir história. Por isso, navegamos por leituras intraduzíveis em tempos diferentes. Por fim, para dizer a hipótese filogenética freudiana e o impacto de precipitados de experiências não vividas, recorremos ao título de um poema de Beckett (2022), que nomeou um conjunto de escritos entre 1931 e 1935 como: “Ossos de Eco e outros precipitados”.

Referências

- Abreu, Scheherazade Paes de. (2021). A língua não coincide conosco: elementos de indeterminação. *Estud. psicanal.*, 56,187-193.
- Beckett, Samuel. (2022). *Poesia completa*. Relicário.
- Borges, Jorge Luis. (1936/2010). *História da eternidade*. Companhia das Letras.
- Dunker, Christian Ingo Lenz. (2013). *A psicose na criança: tempo, linguagem e sujeito*. Zagodoni.
- Ferreti, Marcelo Galletti. (2014). *Ontogênese e filogênese em Freud: uma visão de conjunto*. [Tese de Doutorado Filosofia]. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.
- Freud, Sigmund. (1900/2019). *A Interpretação dos Sonhos*. Companhia das Letras.
- Freud, Sigmund. (1901/2023). *Psicopatologia da vida cotidiana*. Autêntica. .
- Freud, Sigmund. (1905/2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: _____.: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (O caso Dora) e outros textos (1901-1905). Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.

- Freud Sigmund. (1912 [1911]/2021). Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (*dementia paranoides*) descrito com base em dados autobiográficos (caso Schreber). In S. Freud, *Histórias Clínicas: cinco casos paradigmáticos da clínica psicanalítica*. Autêntica.
- Freud, Sigmund. (1915/2021). Comunicação de um caso de paranoia que contradiz a teoria psicanalítica. In S. Freud, *Neurose, psicose, perversão*. Autêntica Editora.
- Freud, Sigmund. (1916/2014). *Conferências introdutórias à psicanálise..* Companhia das Letras.
- Freud Sigmund. (1918/2021). Da história de uma neurose infantil (caso Homem dos Lobos). In S. Freud, *Histórias Clínicas: cinco casos paradigmáticos da clínica psicanalítica*. Autêntica, 2021.
- Freud, Sigmund. (1925/2018). *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*. In S. Freud, *Amor, Sexualidade, Feminilidade*. Autêntica Editora.
- Freud, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia. (1926/2014). In: _____.: Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, Sigmund. (1931/1987). *Neuroses de Transferência: uma síntese*. Imago.
- Freud, Sigmund. (1937/2017) A análise finita e a infinita. In: _____. Fundamentos da clínica psicanalítica Tradução: Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Obras incompletas de Sigmund Freud).
- Freud, Sigmund. (1940/2019). *Compêndio de psicanálise e outros escritos inacabados*. Autêntica.
- Lacan, Jacques. [(1954/1955)1985]. *Livro 2 – O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Jorge Zahar.
- Lacan, Jacques. ([1969-1970/1992). *Livro 17 – O avesso da psicanálise*. Jorge Zahar.
- Lacan, Jacques. (1975). Réponse de Jacques Lacan à une question de Marcel Ritter, *Lettres de l'AFP*,18,.7-12.
- Miller, Jacques-Alain. (2018). *El Hombre de los lobos: Un seminario de investigación psicoanalítica*. RBA Livros.
- Spilrein, Sabina. (2021). *A destruição como devir*. Artes & Ecos.

Recebido em: 13/08/2025

Aprovado em: 09/10/2025

Sobre o autor

Scheherazade Paes de Abreu

Psicanalista. Membro do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG), filiado ao Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP) e à International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS). Mestre em estudos psicanalíticos pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

E-mail: scheherazade_abreu@yahoo.com.br